

## A CIDADE NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Daniel Luciano Gevehr<sup>1</sup>  
Eduardo da Silva Weber<sup>2</sup>

**Resumo:** Realiza-se uma discussão – de caráter interdisciplinar – acerca do conceito de *produção do espaço*, tendo a *cidade* como objeto central de análise. A partir das definições propostas por autores oriundos de diversas áreas do conhecimento, sobre as definições de *espaço*, busca-se discutir as bases históricas do processo que envolve a *produção do espaço urbano*, a partir da ideia de *Modernidade* e de que forma essa ideia entende o espaço geográfico. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo principal é compreender a dinâmica que constitui o espaço urbano e quais as definições advindas a partir do campo das Ciências Humanas, e de forma mais expressiva, a História e a Geografia, consideradas, respectivamente, como as áreas voltadas – notadamente – ao estudo do tempo e do espaço. A pesquisa busca contribuir com o campo de estudos sobre a cidade e o espaço urbano, propondo-se uma leitura sobre o processo que envolve a dinâmica de produção do espaço.

**Palavras-chave:** Espaço urbano. Produção do espaço. Cidade. Interdisciplinar.

## THE CITY IN THE CONTEXT OF URBAN SPACE PRODUCTION: CONCEPTUAL APPROACHES

**Abstract:** An interdisciplinary discussion is held on the concept of space production, with the city as the central object of analysis. Based on the definitions proposed by authors from various fields of knowledge, on the definitions of space, the aim is to discuss the historical bases of the process involving the production of urban space, based on the idea of Modernity and how this idea understands geographic space. This is a bibliographical research, whose main objective is to understand the dynamics that constitute urban space and which definitions come from the field of Human Sciences, and more expressively, History and Geography, considered, respectively, as the areas focused – notably – on the study of time and space. The research seeks to contribute to the field of studies on the city and urban space, proposing a reading on the process that involves the dynamics of space production.

**Keywords:** Urban space. Space production. City. Interdisciplinary.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), graduado em Geografia e História, mestre e doutor em História, professor titular do Programa de Pós-graduação de Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), e-mail: [danielgevehr@faccat.br](mailto:danielgevehr@faccat.br).

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) e bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS, e-mail: [eduardoweber@sou.faccat.br](mailto:eduardoweber@sou.faccat.br).

O historiador José D'Assunção Barros<sup>3</sup> aponta que as revoluções historiográficas do século XX, sobretudo a partir da década de 1930, com os *Annales*, foram responsáveis pela consolidação da História – enquanto ciência – que estuda o ser humano no tempo, no espaço e de maneira interdisciplinar. Nesse sentido, também a Geografia – em especial a Geografia Humana – possibilitou a concepção de que as ações e transformações humanas, além de ocorrerem ou se desenvolverem em determinado período de tempo, “dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social.”<sup>4</sup>

Além disso, se percebe que a Geografia Humana se debruça – para além dos demais aspectos – sobre os elementos culturais. Assim sendo, se coloca como parte dos objetivos da Geografia Humana “perceber as interferências do homem que acabam por imprimir-se na fisionomia de um determinado espaço conferindo-lhe uma nova singularidade.”<sup>5</sup> Cabe destacar, neste contexto, que o inverso também é verdadeiro e que este complexo processo se dá de modo dialético, uma vez que existe interferências nessa dinâmica, em relação àquilo que são os elementos físicos não humanos, de uma determinada área e naquilo que se tornam os seres humanos, em sua constituição espacial, e assim constituem parte da produção do seu espaço.

Partindo dessas duas perspectivas acima, da História e da Geografia, esse estudo tem como objetivo central propor uma discussão, de caráter interdisciplinar, acerca dos conceitos de cidade no contexto de *produção do espaço*. A partir dessa discussão inicial, se busca caracterizar as bases históricas que permitiram compreender o processo que envolve a *produção do espaço urbano*, a partir da noção de *Modernidade*, e de que forma essa noção está associada com o modo burguês e *capitalista* de perceber o espaço geográfico.

As acepções contemporâneas de espaço – numa perspectiva humanizada – são oriundas do pensamento marxista de Henri Lefebvre – filósofo e sociólogo francês, cujos trabalhos influenciaram teórica e metodologicamente a Geografia e

---

<sup>3</sup> BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005.

<sup>4</sup> BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005. p. 96-97.

<sup>5</sup> BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005. p. 99.

a Sociologia contemporâneas – que em 1974 na obra de mesmo nome, cunhou o conceito de “produção do espaço”. Para esse autor, um conceito – e não seria diferente com o seu – não existe por si só e de modo abstrato, deve ser pensado na “globalidade”, ou seja, através do conjunto de suas relações. Ademais, não é algo estático, mas dialético: na produção, chocam-se produto (espaço) e produtor (ser humano), relações econômicas e sociais, fazendo com que um, agindo sobre o outro, modifiquem-se mutuamente.<sup>6</sup>

Com base no termo “produção”, tomado em sentido marxista, Lefebvre<sup>7</sup> compreende o espaço como um “produto social”. Esse produto (espaço social), é resultante de um processo em que a temporalidade age sob a espacialidade, a partir do movimento ordenado das operações nele envolvidas, que incluem desde elementos humanos até matérias-primas e instrumentos de ação, como a linguagem. Além disso, a produção do espaço social sucede-se do passado à atualidade ou inversamente. Dessa forma, a relação entre tempo e espaço seria tão estreita, que ele sustenta a existência de uma “história do espaço”. Ou seja, para compreender as nuances espaciais, é preciso antes debruçar-se sob o seu processo histórico de produção.

Entretanto, a abordagem espacial lefebvriana que prevê a integralidade, ainda não está completa. Além de contemplar as relações socioeconômicas que se desencadeiam historicamente sobre o espaço, o mesmo autor ainda chama atenção para a dimensão do poder. Interpretar o espaço, sob a ótica do poder, pressupõe o conceito de “território”. A visão de “território” é discutida por diferentes áreas do conhecimento – o que demonstra seu caráter polissêmico – e, dentre elas, a Geografia Humana, que por sua vez, percebe o espaço, acima de tudo, como um “campo de forças.”<sup>8</sup> Segundo Silveira<sup>9</sup> existe uma tripla significação para “território”, que engloba a política, as múltiplas relações sociais e de poder e seus usos.

---

<sup>6</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>7</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>8</sup> BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005.

<sup>9</sup> SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Território. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 409-411.

O entendimento de espaço enquanto "território", que tem como um dos principais expoentes o geógrafo brasileiro, Rogério Haesbaert, também atenta para a perspectiva social e temporal deste, tal qual Lefebvre.<sup>10</sup> Acorado nesse autor, Haesbaert<sup>11</sup>, afirma que o espaço se torna território, porque é um "espaço-processo", um "espaço socialmente construído" e, acima de tudo, um *continuum*, expressão que, por sua vez, implica acontecimentos em sequência e ininterruptos. Cabe lembrar, entretanto, que essa afirmação é objeto de um amplo e complexo debate por parte da academia, uma vez que se deve tomar cuidado para não se simplificar ou reduzir o entendimento do espaço e do território, cujas definições vão muito além da sua dimensão física.

Haesbaert<sup>12</sup> concebe o "território" como espaço social apoderado historicamente de modo contínuo. Para o geógrafo, o processo é múltiplo, uma vez que pode ocorrer de várias formas simultâneas, tanto por "apropriação" quanto "dominação". A apropriação é subjetiva, cultural-simbólica, produz "significados" e, ao pressupor o "espaço-tempo vivido", é caracterizada pela presença de tempos múltiplos, complexos e dotados de diferentes ritmos. Em contrapartida, a dominação típica da sociedade moderna e capitalista é de caráter político-econômico, concreto, funcional, e, como fruto da manipulação de seus "agentes", acaba unificando os tempos e conferindo ao território uma unifuncionalidade.

Em suma, o espaço, na dialética de sua produção, ao sê-lo, igualmente, produto e produtor, acaba influenciando na economia, nas relações de dominação e no funcionamento da superestrutura (Estado, Cultura, Religião, etc.), ao mesmo tempo que é influenciado por elas.<sup>13</sup> Assim, compreendendo-o integralmente em suas relações, o espaço torna-se o elo que interliga todos esses diferentes aspectos. A fusão de tudo resulta naquilo que o autor francês chamou de "prática espacial". Dela adviria, então, o lento e interativo processo de "produção do espaço".

---

<sup>10</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>11</sup> HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: *Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades*, 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>12</sup> HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: *Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades*, 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>13</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

Para Lefebvre<sup>14</sup>, do ponto de vista analítico, a descoberta da “prática espacial” de uma sociedade faz-se através da percepção dos elementos materiais presentes no seu espaço. No entanto, tendo em vista que existem diferentes concepções de tempo e espaço, as “práticas espaciais” variam conforme a sociedade e seus modos de produção.<sup>15</sup> Ou seja, dialeticamente, além do espaço interferir nos modos de produção e suas estruturas sociais, é ele próprio transformado por eles.<sup>16</sup> Nesse sentido, a Modernidade é responsável por inaugurar uma forma diferenciada de relacionar-se com o tempo e o espaço, como evidenciaram a maioria de seus teóricos.<sup>17</sup> Isso porque, a partir desse momento, a economia tornou-se a base da vida social e o alicerce sobre o qual se edificou uma nova ordem.<sup>18</sup>

Posto isso, a emergência de reflexões acerca da “produção do espaço” não poderia suceder-se, senão na Modernidade, acima de tudo no século XX. Doravante, as alterações espaciais foram tamanhas, que não há precedentes comparáveis, ou seja, nunca se transformou tanto o espaço e em tão pouco tempo. Nesse sentido, se torna importante fazer algumas ponderações concernentes às categorias de *espaço* e *tempo* a partir da *Era Moderna* e como essas noções influenciaram na compreensão sobre a produção do espaço.

Cabe destacar que o propósito deste estudo é estabelecer um diálogo entre autores de diversos matizes teóricos e metodológicos – acerca do tema proposto – reconhecendo o fato de que, por mais que possuam pontos que os aproximam, também possuem um vasto conjunto de elementos que os distanciam e, sobretudo, os diferenciam em suas análises e proposições teóricas de compreensão do real. Dessa forma, se deixa claro que o objetivo é dialogar entre diferentes proposições, permitindo uma visão mais ampla – e não consensual – sobre a questão da cidade e da produção do espaço urbano. Seguindo essa linha de pensamento, a análise proposta pretende dialogar com as teorias e metodologias apresentadas por diferentes pesquisadores, que podem ser considerados referências em suas áreas de espacialidade.

---

<sup>14</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>15</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>16</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>17</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>18</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

A partir da definição do percurso metodológico da pesquisa, fica deixo claro que há um interesse especial e, portanto, um enfoque na discussão a respeito da produção capitalista do espaço e da cidade, o que reafirma a preocupação em se estabelecer um diálogo interdisciplinar acerca do tema. Daí se justifica, também, a ênfase dada para determinados autores, que a partir de diferentes matrizes teórico-metodológicas e também de diferentes áreas das Ciências Humanas, ampliam a compreensão sobre o complexo campo de investigação sobre a cidade e o espaço urbano.

Com isso, o estudo se vale das pesquisas realizadas por autores de diferentes áreas, como a História, a Geografia, a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia, o que conduz para uma análise sobre o conjunto de relações que existem por detrás dos conceitos discutidos. Fazem parte deste repertório, autores como Lefebvre, Barros, Braudel, Haesbaert, Silveira, Harvey, Strohaecker, Canclini, Oliven e Bauman, que embora habitam campos diversos, convergem para um diálogo complexo e interdisciplinar a respeito do tema proposto.

### **Tempos modernos, sociedade burguesa e produção capitalista do espaço**

A Modernidade marca o triunfo da burguesia. Esse grupo social, ao promover a progressiva monetização das relações sociais, transformou a economia, alicerçando sobre ela uma nova ordem: o capitalismo. Na busca por poder social, modificou a relação com o tempo e o espaço que, desse momento em diante, não podem mais ser considerados unicamente como fatos da natureza ou da cultura, mas como produtos.<sup>19</sup> Através da sua mensuração, os burgueses dominaram e transformaram essas duas categorias em instrumento essencial na busca do lucro.

20

Para Bauman<sup>21</sup>, a Modernidade, antes de ser ela mesma sólida, preocupou-se primeiro em “derreter os sólidos”, que a impedissem de solidificar-se, dentre os quais o “sagrado”, a “tradição” e as “lealdades sociais”. O objetivo era eliminar tudo que impedisse o movimento e restringisse as iniciativas individuais. De acordo com

---

<sup>19</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>20</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>21</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

o autor, [...] essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios.<sup>22</sup>

O sociólogo mostra que, na condição humana moderna, tempo e espaço são separados entre si e da experiência de vida, entrando em conformidade com Harvey<sup>23</sup>, que declara que a modernização seria responsável pela perpétua interrupção dos ritmos espaciais e temporais tradicionais. Nessa perspectiva, foi decisivo o auxílio da tecnologia de transporte e comunicação.<sup>24 25</sup> Ambas permitiram que o tempo, dali em diante flexível e manipulável, avançasse sob o espaço, “anulando-o” e tornando-se “fator independente das dimensões inertes e imutáveis das massas de terras e dos mares.”<sup>26</sup>

A consequência foi a sua transformação em “principal ferramenta do poder e da dominação.”<sup>27</sup> Para ele “o tempo se tornou dinheiro depois de se ter tornado uma ferramenta (ou arma?) voltada principalmente a vencer a resistência do espaço: encurtar as distâncias, tornar exequível a superação de obstáculos e limites à ambição humana.<sup>28</sup> Em seguida enfatiza que “com essa arma, foi possível estabelecer a meta da conquista do espaço e, com toda seriedade, iniciar sua implementação.”<sup>29</sup>

Em contrapartida, apesar da aceleração do tempo conduzir à conquista do espaço, esta conquista dar-se-á somente quando o espaço for controlado e tiver, no interior de suas *fronteiras*, o tempo sob controle. Nesse sentido, tornaram-se importantes elementos que variavam entre “muros impenetráveis e postos avançados rigorosos, guardas de fronteiras em permanente vigília e localização secreta.”<sup>30</sup>

---

<sup>22</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 10-11.

<sup>23</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>24</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>25</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>26</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.142.

<sup>27</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.17.

<sup>28</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>29</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>30</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.145.

De acordo com o estudo recentemente publicado por Silva e Corrêa<sup>31</sup> se deve atentar para o fato de que as bases teóricas propostas pelas escolas alemã e francesa desempenharam grande importância nas discussões sobre espaço e fronteiras, especialmente através dos estudos de Ratzel e Vidal de La Blache, que trouxeram significativas contribuições para o tema. Para os autores “a formação da teoria das fronteiras passou por diversas modificações, novos elementos foram incorporados, atribuindo novas perspectivas e compondo uma análise mais detalhada desse processo”<sup>32</sup>.

Ainda, de acordo com eles, se deve considerar que as relações sociais no espaço geográfico devem ser percebidas de forma dinâmica e complexa, se compreendendo que as *fronteiras* – no sentido contemporâneo e atualizado do conceito – dizem respeito também as fronteiras existentes entre as classes sociais, entre os sistemas financeiros e os Estados. Dessa forma, a noção de fronteira vai além da percepção de um espaço físico – entre dois países por exemplo – e se amplia, para se pensar questões sociais, políticas, culturais, etc. Dessa discussão, que de ocupa sobre as fronteiras do espaço, se pode pensar a questão do território, elemento fundamental na compreensão da complexidade que envolve o território e o espaço geográfico, numa dimensão mais ampla e contemporânea.

Retomando as discussões propostas por Bauman<sup>33</sup> se percebe que suas ideias, novamente se aproximam com as ideias de Harvey<sup>34</sup>, que expõe que o problema geográfico é uma constante na história do capitalismo, algo que se prova pelas inúmeras invenções surgidas objetivando remover as barreiras espaciais. Os desdobramentos disso incluem, ainda, o incentivo à criação de um mercado mundial, à aniquilação do espaço através do tempo e a racionalização da organização espacial em configurações de produção eficientes.

---

<sup>31</sup> SILVA, Reynaldo Daivyd Lopes da; CORRÊA, Domingos Sávio. As contribuições da teoria das fronteiras no pensamento geográfico: repensando a construção dos conceitos e práticas. *Ciência Geográfica*. Bauru. Ano XXVII, vol. XXVII - (1), p.176-189, jan-dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.57243/26755122.XXVII1010>. Acesso em: 24 out. 2024.

<sup>32</sup> SILVA, Reynaldo Daivyd Lopes da; CORRÊA, Domingos Sávio. As contribuições da teoria das fronteiras no pensamento geográfico: repensando a construção dos conceitos e práticas. *Ciência Geográfica*. Bauru. Ano XXVII, vol. XXVII - (1), p.176-189, jan-dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.57243/26755122.XXVII1010>. Acesso em: 24 out. 2024. p.188.

<sup>33</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>34</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

Com a Modernidade, lembra Barros<sup>35</sup>, falar-se-á em “especialização da economia”, conceito proposto por Braudel<sup>36</sup>, ainda na década de 1960, sob uma perspectiva interdisciplinar, para denominar a materialidade do capitalismo sobre o espaço. Posteriormente, na mesma linha, Harvey<sup>37</sup> advogará em favor de uma “geografia da acumulação capitalista”. Na ótica moderna, riqueza e poder implicam tamanho e qualificação do espaço. Nesse sentido, Bauman<sup>38</sup> e Harvey<sup>39</sup> atentam para a presença de um elemento racional qualificador do espaço e “disciplinador” do tempo, aquilo que Max Weber denominou “racionalidade instrumental”, o “princípio operativo” da modernidade, e cuja preocupação consiste em “modos de realizar mais rapidamente as tarefas, eliminando assim o tempo “improdutivo”, ocioso, vazio e, portanto, desperdiçado.”<sup>40</sup>

Assim sendo, diante da inauguração da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista, predominará a posse do espaço via “dominação” em detrimento da “apropriação”, como apontou Haesbaert<sup>41</sup>. Nesse momento, mais do que nunca, a construção social do tempo e do espaço deve ser percebida através das práticas e processos materiais que a revelam.<sup>42</sup>

A dominação burguesa e capitalista do espaço, na Modernidade, produzirá um tipo característico, que Lefebvre<sup>43</sup> denominou “espaço abstrato”, o qual é ligado à troca (de bens e mercadorias, de palavras escritas e faladas, etc.), e tem como principal característica a homogeneidade - ou tentativa de homogeneidade. Os elementos que o compõem são o geométrico (superfície, altura e profundidade), o ótico/visual (representação escrita e espetacularização) e o fálico (força, violência e verticalidade). Ademais, além de servir ao lucro, privilegia certos lugares organizando sua hierarquia, promove a segregação, para uns e, para outros, a integração.

<sup>35</sup> BARROS, José D’Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005.

<sup>36</sup> BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

<sup>37</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>38</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>39</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>40</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.143.

<sup>41</sup> HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: *Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades*, 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

<sup>42</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>43</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

Em contrapartida, o antropólogo argentino, Néstor García Canclini<sup>44</sup>, contesta essa “homogeneidade” em relação ao caso latino-americano. Nesse aspecto, argumenta que o processo modernizador e unificador não triunfou totalmente, havendo, então, não *uma* modernidade, mas vários processos desiguais e combinados de modernização. A consequência direta disso, é o que o autor chamou de “heterogeneidade multitemporal”, isto é, quando coexistem diferentes temporalidades sob o mesmo espaço.

Na mesma esteira, Rogério Haesbaert, remetendo a Milton Santos e sua “acumulação desigual de tempos” sob o espaço, sustentará, num dos seus primeiros artigos, que o momento atual se define somente por sua relação com outras temporalidades, concebidas “não apenas no sentido linear-evolucionista de temporalidade, mas do convívio simultâneo de tempos de diferentes durações.”<sup>45</sup> Em trabalhos posteriores, cunha a noção de “multiterritorialidade”, conceito que explica o “movimento complexo de territorialização”, que engloba a “vivência concomitante de diversos territórios” e “a construção de uma territorialização no e pelo movimento.”<sup>46</sup>

Todavia, a reflexão acerca da produção econômica do espaço na Modernidade e suas nuances, não estará completa antes de debruçarmo-nos sobre a “cidade”, que explodiu nesse cenário, graças à crescente “urbanização”, que engloba as consequências materiais e sociais da mercantilização do espaço e do tempo. A cidade, como centro da vida moderna, será o palco para o desenrolar desses eventos. Ademais, essa nova realidade, não ficaria alheia às preocupações dos estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento. Assim sendo, conforme transforma-se a cidade, surgem, intensificam-se e evoluem, também, os estudos urbanos modernos.

## **Transformações na cidade moderna e os estudos urbanos**

---

<sup>44</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

<sup>45</sup> HAESBAERT, Rogério. Questões sobre a (Pós) Modernidade. *Geo UERJ*, n. 2, p. 7-22, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21758/15765>. Acesso em: 07 out. 2023. p.11.

<sup>46</sup> HAESBAERT, Rogério. Territórios e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13531/8731>. Acesso em: 07 out. 2023. p. 20.

A cidade é uma forma bastante específica de organização social, possuidora de necessidades igualmente específicas (administração, forças de segurança, pagamento e arrecadação de impostos, divisão social e do trabalho, etc.), e que difere profundamente daquelas baseadas no meio rural.<sup>47</sup> Desde a aurora da civilização, a cidade tornou-se o espaço geográfico e social grande, denso, permanente e heterogêneo, onde as multidões de estranhos têm chance de encontrar-se.<sup>48</sup> Porém, muito mais que centro social, a cidade sempre o fora econômico, político e cultural.

Paralelamente ao surgimento da *polis*, a cidade grega, e da *urbe*, a cidade romana, produziram-se as primeiras realizações culturais, dentre as quais no âmbito da literatura. Desse modo, a temática da “cidade” se fez presente nos escritos de autores, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e início da era Moderna. Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, por exemplo, foram os primeiros a tecerem reflexões acerca do urbano. Porém, como o surgimento das cidades andou lado a lado com o advento das religiões institucionalizadas e das filosofias, essas primeiras análises possuíam uma conotação filosófica ou religiosa. Para o aparecimento dos primeiros estudos de caráter científico, seriam antes necessárias profundas transformações socioeconômicas.

O sociólogo inglês, Anthony Giddens<sup>49</sup>, sustenta que os modos de vida modernos, oriundos das transformações dos últimos três ou quatro séculos, diferem profundamente dos tradicionais, em extensão e intensão, e não há precedentes comparáveis. Suas características divergentes englobam a rapidez e amplitude da mudança, assim como a presença de elementos (políticos, econômicos, sociais e tecnológicos) previamente inexistentes. Nesse sentido, a cidade moderna é um exemplo e tem, segundo ele, apenas uma aparência ilusória em relação às ordens urbanas preexistentes, uma vez que, o novo tipo de urbanismo surgido na era moderna, estabelece relações completamente diferentes com o meio rural.

Para Giddens<sup>50</sup>, existem quatro dimensões institucionais da Modernidade: capitalismo, industrialismo, sociedades capitalistas e controle dos meios de

---

<sup>47</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>48</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>49</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>50</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

violência. O capitalismo consiste em “um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, esta relação formando o eixo principal de um sistema de classes.”<sup>51</sup>

O industrialismo tem como principal característica a utilização de fontes inanimadas de energia material na produção de bens, conferindo às máquinas papel central no processo de produção. Além disso, implica que a produção possua organização social disposta de tal modo que coordene atividade humana, máquinas e o processo de transformação de matérias-primas em bens.<sup>52</sup>

As sociedades capitalistas são uma variante específica das sociedades modernas. Uma sociedade capitalista só poderá sê-lo se for, antes, um estado-nação. Existe, então, um estado capitalista, cujo sistema administrativo visa o controle coordenado do território delimitado, fazendo uso de um aparato de vigilância.<sup>53</sup> A última dimensão institucional moderna, elencada por Giddens<sup>54</sup>, trata-se do controle monopolístico dos meios de violência no interior das fronteiras territoriais do estado-nação. Nesse caso, fundem-se estado-nação e industrialismo em nome de uma “industrialização da guerra”.

O sociólogo explica também que as quatro dimensões estão intimamente associadas via relações de interdependência. Industrialismo e capitalismo, por exemplo, ao mesmo tempo desenvolvem-se nas imediações territoriais do Estado e dependem do seu controle monopolístico da violência para avançarem em segurança.

Além disso, desde Marx, se concebeu a ideia de que o capitalismo advém do industrialismo. Doravante, o industrialismo ditará a forma moderna de interação dos seres humanos com a natureza. Desse modo, a indústria moderna, aliando ciência e tecnologia, alterou a relação pré-moderna de continuidade com o meio natural, transformando-o num ambiente criado e independente dele. Assim, embora sejam as paisagens naturais as que mais sofreram alterações com o industrialismo,

---

<sup>51</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p.53.

<sup>52</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>53</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>54</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

o mesmo ocorreu com as áreas urbanas, acarretando em transformações sem precedentes no seio das cidades.<sup>55</sup>

A transformação ocorrida nas cidades modernas, referida por Giddens<sup>56</sup>, envolve a crescente “urbanização”. Esse termo, para a Geografia e Sociologia Urbana, implica transformação social e espacial profunda e irreversível.<sup>57</sup> Além do mais, especificamente para os sociólogos urbanos, desde o início a urbanização é concebida através de elementos, como tamanho, densidade, permanência e heterogeneidade, que, gradualmente, converter-se-á em homogeneidade. Outra característica concernente à urbanização é que resulta da atração e do êxodo das massas rurais à cidade, como mão de obra.<sup>58</sup>

Essa linha de pensamento é corroborada por Lefebvre<sup>59</sup>, ao induzir que a industrialização é a característica da sociedade moderna e o motor das transformações urbanas. Para ele, a industrialização seria o *indutor* e a urbanização, assim como os problemas urbanos, alguns dos efeitos *induzidos*. De acordo com a visão do autor francês, a cidade, anterior à industrialização, seria responsável por intensificá-la dialeticamente. Isso, porque a concentração populacional intrínseca, permite o crescimento da produtividade e, conseqüentemente, do capital. Ainda, segundo Barros<sup>60</sup> (2007), ainda no século XIX, em meio ao contexto histórico de aceleração da industrialização e urbanização, a cidade se tornou uma forma “mais específica”<sup>61</sup> de organização social. A partir de então, além de contrastar com as demais organizações sociais, ela será possuidora de local próprio, dotada de problemas inerentes e contará com uma história particular.

Ortiz<sup>62</sup>, por sua vez, destaca a importância da Revolução Industrial no crescimento e proliferação das cidades, ao longo do período oitocentista. A consequência disso é que, diante da singularidade que a cidade adquire nesse

<sup>55</sup> GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>56</sup> GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>57</sup> STROHAECKER, Tania Marques. Urbanização. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 426-427.

<sup>58</sup> OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

<sup>59</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>60</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>61</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>62</sup> ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

momento, emergem as reflexões contemporâneas acerca do espaço urbano, as primeiras com caráter científico. As preocupações dos historiadores, sociólogos e antropólogos dessa época, não diferiam muito daquelas que viriam no século posterior, como aponta Barros.<sup>63</sup> Desde o início, tinham como prerrogativa compreender aquilo que se denomina de “viver urbano”, em decifrar a história deste viver, as suas mutações, as suas diferenças em relação a outros ambientes sociais, e em compreender também a complexidade dos vários tipos de vida social que podiam ser abrigados nas diversas modalidades de formações urbanas.”<sup>64</sup>

Sob influências positivistas, marxistas e darwinistas, o século XIX se destacou pelos estudos urbanos com caráter evolucionista, histórico, político, econômico, social, institucional e biológico/ecológico. Cabe ressaltar, ainda, o surgimento, nesse período, de um campo específico de estudo sobre a cidade: o Urbanismo.<sup>65</sup> A preocupação dos estudos urbanistas incluiria a forma e funcionalidade da cidade, assim como os seus desdobramentos sociais.<sup>66</sup>

Apesar das preocupações serem semelhantes, no século XX, a partir da influência dos *Annales*, inaugurar-se-á a era dos estudos urbanos interdisciplinares e com emprego de uma gama variada de fontes, e cujo produto final será as teorias globais sobre a cidade.<sup>67</sup> Desde então, os estudiosos da cidade preocupar-se-ão também com elementos tais como a representação e o imaginário, as relações entre público e privado, os discursos veiculados (revelados ou velados), as transformações culturais, a arquitetura e o patrimônio, as relações de poder, etc.<sup>68</sup>

É na segunda metade do século XX, em meio à proliferação de estudos urbanos interdisciplinares, que Henri Lefebvre escreveu suas obras. Foi pensando na cidade e o espaço que ela ocupa, que esse autor cunhou a noção de “produção do espaço”, processo socialmente construído ao longo do tempo e variando conforme o “modo de produção”. O autor afirma que, por volta dos anos de 1970, devido às consequências da urbanização “selvagem”, as questões urbanas

---

<sup>63</sup> BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>64</sup> BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.10.

<sup>65</sup> BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>66</sup> ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

<sup>67</sup> BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>68</sup> ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

começaram a ser uma preocupação do poder público, que desejava pôr “ordem” na bagunça. Desse modo, o desejo de Lefebvre era fazer uma abordagem crítica das ações praticadas pelos poderes políticos, advogando em favor da sociedade, a legítima detentora da “produção do espaço”.

Assim sendo, prosseguir na proposta lefebvriana de estudos urbanos implica que se a considere enquanto palco de “relações de poder”. Para tal, será necessário adentrarmos no campo do “ordenamento territorial”, em nome do qual se aliaram poder político e poder econômico.

### **(Re)produção, planificação e segregação do espaço urbano: o ordenamento territorial**

Na época em que Lefebvre publicou a obra de referência, intitulada “A produção do espaço” (1974), estavam em voga projetos de planificação espacial em várias cidades, sobretudo na França, onde vivia, que objetivavam harmonizar o espaço nacional, pondo ordenação à urbanização, dita “selvagem”. A planificação espacial, porém, não é possível, defende o autor francês, porque o espaço, como produto, é dialético, dinâmico, influencia e é influenciado, não se permitindo, assim, a nivelamentos e classificações. Todavia, ele explica que a questão complexificasse ao passo que certas ideologias obscurecem a naturalidade da relação entre sociedade e seu espaço.

Lefebvre<sup>69</sup> mostra que, desde as décadas de 1920 e 1930, adquiriram fama certos arquitetos, urbanistas e teóricos do espaço moderno capitalista, que se tornaram defensores de características a ele intrínsecas: homogeneidade-fragmentação-hierarquização. Homogêneo porque é produzido, gerido e vigiado igualmente, assim como interligado pelos mesmos meios de comunicação. Fragmentado e hierarquizado, pois revela-se ocultamente dividido em espaços com diferentes finalidades e prioridades, abarcando espaços residenciais, comerciais, para marginais, etc.

Apesar disso, o autor francês afirma que o capitalismo não foi, desde o início, “ordenador”. Este, começou, primeiramente, modelando o espaço com o auxílio dos

---

<sup>69</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.  
Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.207-236 • ISSN1981-478X

transportes em geral. No século XX, porém, o auge desses transportes o mundializa, iniciando-se sua dominação e organização conforme os objetivos, seja na escala nacional ou na escala local, através da cidade. Nessa linha de pensamento, Haesbaert.<sup>70</sup> acrescenta que “o ordenamento territorial na sociedade capitalista globalizada em que vivemos implica, antes de tudo, regular a mobilidade.”

Para Haesbaert<sup>71</sup>, além de restrição da mobilidade, ordenar também é sistematizar e regular a organização do espaço. O geógrafo coloca que, com a falência das sociedades disciplinares, baseadas no ordenamento disciplinar, o máximo que resta é a proposição de “processos de contenção territorial” por meio dos quais “as populações indesejáveis ou as classes subalternas são realocadas no espaço a fim de resguardar a ‘segurança’ dos territórios dos grupos hegemônicos.”<sup>72</sup> Na mesma linha de raciocínio, Bauman<sup>73</sup> defende que a cidade, em vez de ser o local onde os estranhos têm a chance de encontrar-se aperfeiçoa as estratégias de enfrentar a alteridade. Baseando-se no antropólogo cultural Claude Lévi-Strauss, o sociólogo elenca que existem dois tipos dessas estratégias: a *antropômica* e a *antropofágica*.

A primeira implica “‘vomitar’, cuspir os outros vistos como incuravelmente estranhos e alheios”, exilá-los através “[d]a separação espacial, [d]os guetos urbanos, [d]o acesso seletivo e [d]o impedimento seletivo a seu uso.”<sup>74</sup> Enquanto que, a segunda, exige “ingerir”, “devorar” o que é estranho, tornando-o igual e indistinguível daquilo que o ingere, isto é, trata-se da assimilação forçada.

Essas estratégias de enfrentamento da alteridade, são para Bauman<sup>75</sup> medidas assistidas pelo poder. Essa afirmação entra em consonância com a de Lefebvre<sup>76</sup>, que destaca que o espaço ordenado serve, simultaneamente, ao poder

---

<sup>70</sup> HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292. p. 290.

<sup>71</sup> HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292.

<sup>72</sup> HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292. p. 290.

<sup>73</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>74</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 129.

<sup>75</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>76</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

político e à produção material, otimizando seus benefícios. Assim, para o autor francês, em meio à hierarquia dos espaços ocupados, as classes sociais se investem e se travestem. A conjugação de forças entre poder político e poder econômico, visando o ordenamento territorial, é o enfoque de Harvey<sup>77</sup>. Para o geógrafo, essa relação existe desde o início da Modernidade, tendo em vista que Estado e Capitalismo nascem juntos e dependem entre si, satisfazendo um, a necessidade do outro.

Esse fato ficou mais evidente, sobretudo, a partir da década de 1970, diante do contexto mundial de crise econômica e desindustrialização. Perante isso, os governos urbanos buscaram soluções, assumindo, cada vez mais, uma orientação empreendedora. A principal atitude envolveu parcerias público-privadas, que consistiam, da parte do governo, evidenciar certas áreas, para que nelas a iniciativa privada se sentisse atraída em iniciar novos empreendimentos.<sup>78</sup>

A partir de então, haverá aquilo que Harvey<sup>79</sup> chamou de “empreendedorismo urbano”, que acarretará no direcionamento do capitalismo de um “regime de acumulação fordista keynesiano”<sup>80</sup>, para um “regime de acumulação flexível”. Nesse último, figuram atividades econômicas diferentes do industrialismo e com foco nos serviços, que já existiam, mas se intensificarão dali em diante. Dentre elas, podemos citar o turismo.<sup>81</sup>

Para esse autor, a consequência direta da desindustrialização será uma reestruturação das cidades, com renovação na arquitetura e nos projetos urbanos, objetivando torná-las centros financeiros, de consumo e de entretenimento. Ou seja, pode-se dizer que as cidades passam por um processo de “reurbanização” para atender às novas demandas econômicas. Dá-se início à era dos “espaços urbanos espetaculares”, que têm como característica “a projeção de uma imagem definida de lugar abençoada por certas qualidades, a organização do espetáculo e a

---

<sup>77</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>78</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>79</sup> HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>80</sup> Modelo econômico estadunidense, baseado na aliança entre fordismo e keynesianismo, que se espalhou pelo mundo todo, vigorando do pós-guerra (1945) até, por volta da década de 1970. Foi marcado por um sistema de produção em massa e pelo intervencionismo estatal. HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>81</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

teatralidade foram conseguidas com uma mistura eclética de estilos, com a citação histórica, com a ornamentação e com a diversificação de superfícies.”<sup>82</sup>

Nesse sentido, a grande querela de Lefebvre, ao defender a produção social do espaço, era com os poderes políticos tecnocráticos, que desejavam ordenar o território a seu bel-prazer, através de projetos urbanísticos planificadores. Sua crítica era direcionada ao urbanismo, que concebia o espaço urbano puramente em razão de sua função econômica, anulando a complexidade e vitalidade do “viver urbano”.

Ainda nessa esteira, Haesbaert<sup>83</sup> atenta para a complexidade das relações de poder por detrás do conceito de “ordenamento territorial”. Este, embora seja, na maioria das vezes, associado a ações governamentais, é um processo que também envolve grupos sociais e entidades civis diversas, não somente os dirigentes políticos. Nesse sentido, para melhor compreender as dinâmicas que envolvem o ordenamento territorial, o geógrafo defende uma dimensão integrativa do espaço, abarcando, além do político, também o social, cultural, econômico e natural. Diante disso, percebe-se que, por detrás da produção e ordenamento territorial do espaço urbano se entrelaçam questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Estas questões, por sua vez, fazem parte da história da cidade e, antes de mais nada, também merecem atenção.

Nesse sentido, pode-se seguir a linha de pensamento de José D’Assunção Barros, herdeiro da tradição dos *Annales* e que sustenta uma abordagem ampla da cidade. Barros<sup>84</sup> propõe uma visão do urbano composta de nove dimensões que o revelam: *histórica, populacional/social, econômica, política, organizacional, morfológica, cultural, imaginária e funcional*. De acordo com Barros, é somente a partir de uma análise que considera as diferentes dimensões do espaço urbano, que se pode – efetivamente – compreender a cidade em suas múltiplas formas de existência.

---

<sup>82</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 92.

<sup>83</sup> HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292.

<sup>84</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Tendo em vista que o objetivo central do ordenamento territorial é *regular a mobilidade*<sup>85</sup> pode pensar no papel que o sistema capitalista desempenha nesse contexto. De acordo com Lefebvre<sup>86</sup>, o capitalismo não é, desde o início, ordenador do território. É somente após a modelagem e produção do espaço pelos transportes e a intensificação do movimento e dos fluxos populacionais que se torna necessário dominá-lo e organizá-lo politicamente, conforme os objetivos desejados, seja na escala nacional ou local, através das cidades. Para que isso ocorra, porém, será necessária a aliança entre o sistema capitalista e os poderes políticos. É somente nesse momento, que ascendem novas forças políticas em nível nacional e estadual, capazes de fazê-lo.

### **Movimentos da sociedade em diferentes escalas de tempo e espaço**

Segundo Barros<sup>87</sup>, a cidade é um agrupamento humano, porém de proporções consideráveis. Assim, ao estudar o urbano, a dimensão populacional/social não pode deixar de ser considerada. Conforme esse autor, essa perspectiva implica considerar a cidade como “um determinado *efetivo populacional*, com determinadas características de *densidade e heterogeneidade*, mas associado a uma *localização permanente* em um espaço cujas especificidades devem ser consideradas.”<sup>88</sup> Ademais, para ele, isso significaria também saber quem são os grupos heterogêneos e que atividades desempenham.

Marc Bloch<sup>89</sup>, interpretando que o tempo é histórico, uma vez que a humanidade o constrói socialmente, abriu o leque de estudos históricos das ações humanas imersas nessa categoria e relacionadas com ela. Em outras palavras, ações humanas *no* e *com* o tempo, ou seja, a humanidade, ao mesmo tempo que está imersa no tempo físico, que é predeterminado pelas leis da natureza, também constrói socialmente o seu próprio tempo, moldando o tempo físico a seu favor.

---

<sup>85</sup> HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292.

<sup>86</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>87</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>88</sup> BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.56.

<sup>89</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Nesse sentido, dir-se-ia, que a História busca identificar as marcas e nuances da construção social do tempo físico.

Depois de Marc Bloch<sup>90</sup>, se tem, na mesma esteira, Fernand Braudel<sup>91</sup>, que defendeu a necessidade de as ciências humanas considerarem, metodologicamente, a “dialética da duração”, isto é, que se atentem que o tempo, enquanto social, é múltiplo, contraditório, repleto de nuances e inter-relações. Para esse historiador, estar ciente disso é fundamental para o trabalho interdisciplinar, seja estudando o ser humano do passado ou no tempo presente.

Braudel<sup>92</sup>, sustenta uma história formada por três camadas de durações que se entrelaçam: curta, média e longa (ou até longuíssima). A “curta duração” preocupa-se com o tempo breve e rápido do evento “que, explode, mas não dura”, do indivíduo, da vida cotidiana, das rápidas tomadas de consciência, das ilusões, dos acidentes, das catástrofes naturais, dos crimes, das súbitas mudanças de preço, de um espetáculo cultural, etc. A “média duração”, por outro lado, atenta para as conjunturas, ciclos, interciclos, ou seja, fatias pouco mais longas, de dez, vinte ou cinquenta anos, que podem incluir curva de preços, progressão demográfica, movimentos de salário, variações da taxa de juros, etc.

Já, para a “longa duração”, a palavra-chave são as “estruturas”, cuja característica, além da vivência longínqua, é a capacidade de estabilizar, determinar ou limitar o ser humano e suas experiências, tornando-o, no dizer do autor, prisioneiro dos quadros mentais. Essa última, debruçar-se-á, então, sobre as instituições políticas, as culturas, as religiões, as civilizações, os sistemas econômicos, as revoluções (Industrial e Francesa, por exemplo), as ciências, as técnicas, as ferramentas mentais, etc., podendo incluir-se, ainda, como sugere, as relações entre ser humano e meio geográfico, como as migrações de um mesmo povo, a permanência de rotas e comércios e a *implantação de cidades*, por exemplo.

Assim sendo, todo evento, apesar de representar um impulso breve e iminente, é resultante da reação em cadeia de acontecimentos, abarcando, além da duração curta, também os tempos médios e longos, que lhe são superiores em

---

<sup>90</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

<sup>91</sup> BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

<sup>92</sup> BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

extensão. Perante isso, apesar de toda reflexão braudeliana, sobre o tempo social, assentar-se na dialética entre as diferentes camadas de duração, materializada nos eventos do presente, ela ainda não está completa. Fernand Braudel<sup>93</sup> propõe também a distinção entre “tempo do mundo” e “tempo vivido”.

Para Braudel<sup>94</sup>, o “tempo do mundo” é o tempo global, aquele presente nas regiões onde o capitalismo avançou econômica e socialmente. Apesar disso, sempre restam zonas à margem, onde essa “história mundial” não repercute. Nelas, o regente é o “tempo vivido”, que faz com que esses lugares e realidades distinguiam-se das demais. Nosso entendimento do exposto pelo historiador francês é esse, mas se pode, por *anamnese*, extrair ainda mais elementos do texto, a partir de uma interpretação mais profunda e de cunho interdisciplinar, que Martins<sup>95</sup> faz dele, uma vez que para Braudel, “o tempo do mundo repercute nos espaços marginais, porém, não se realiza neles em toda a sua potencialidade. Já o tempo dos lugares, se refere ao tempo realmente vivido pelas inúmeras localidades, um tempo específico, relacionado a experiências distintas às dos polos hegemônicos”.

O questionamento *anamnésico* da interpretação de Martins<sup>96</sup>, acerca do mesmo texto de Braudel (2009), permite aprofundar a questão. Tem-se, claramente, uma abordagem interdisciplinar entre História e Geografia, tendo como pano de fundo o conceito de “região”. O autor denomina o “tempo vivido” braudeliano de “tempo dos lugares”, porque é no espaço geográfico onde, por excelência, estão os indícios materiais da construção do tempo enquanto social. Para ele, o tempo do mundo, que é o tempo da Modernidade e do Capitalismo, não homogeneiza plenamente os tempos dos lugares, existindo, assim, um choque dialético entre os dois tempos, que coexistem no espaço.

Isto posto, independentemente de se falar em curta, média ou longa duração, tempo do mundo, dos lugares ou tempo vivido, o que está implícito é que o tempo

---

<sup>93</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV - XVIII: o tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

<sup>94</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV - XVIII: o tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

<sup>95</sup> MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 134-152. p.154.

<sup>96</sup> MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 134-152.

social tem diferentes escalas. Enquanto as diferentes escalas temporais são uma constante nas obras de Fernand Braudel, sê-los-ão, nas obras de Henri Lefebvre, as escalas espaciais.

De acordo com Lefebvre<sup>97</sup>, o espaço social é múltiplo e também contém a dimensão escalar. Esse autor defende que os espaços “se interpõem; se compõem, eles se superpõem e às vezes se chocam”, em decorrência de “movimentos, ritmos e frequências” da própria sociedade. Assim, os múltiplos espaços sociais são entrecruzados e interligados via migrações, viagens em geral, viagens turísticas, relações comerciais. Ademais, existem os movimentos advindos das tecnologias de comunicação, que empregam frequências, como rádio, televisão e, atualmente, a internet, e, que, por sua vez, permitem acelerar o próprio ritmo do movimento.

Como resultado disso, constituiu-se, no século XX, um novo espaço, em escala mundial, que Lefebvre<sup>98</sup> denominou “espaço mundial”, resultante da penetração do capitalismo nas escalas nacional e local. Esse espaço, enquanto forma-se, integra e desintegra essas escalas. Uma vez feito isso, torna-se abstrato, homogêneo e fragmentado. Apesar disso, seguindo na mesma linha que Martins<sup>99</sup>, o autor francês reitera que o local, em sua formação, crescimento e desenvolvimento, não desaparece absorvido pelas escalas regional, nacional e mundial. Ao contrário, todos esses espaços interpenetram-se ou chocam-se, dialeticamente, através de movimentos, fluxos e ondas.

Nesse sentido, assemelham-se os posicionamentos de Martins<sup>100</sup> e de Lefebvre<sup>101</sup>, considerando que o último também afirma que, apesar da tentativa capitalista de homogeneizar o espaço, o que resulta disso são incontáveis espaços locais múltiplos, onde fundem-se as escalas regional, nacional e mundial. Novamente, seu pensamento é de que, o espaço perde seu lado abstrato toda vez que se insere numa teia de relações, que permite a sua comunicação social com outros lugares, por meio do intercâmbio de mercadorias e informações.

---

<sup>97</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>98</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>99</sup> MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 134-152.

<sup>100</sup> MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 134-152.

<sup>101</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

Em contrapartida, a concepção que Lefebvre<sup>102</sup> não se restringe apenas as dimensões de escalas em nível local, regional, nacional e mundial. Acredita-se que, enquanto imerso nesse conjunto de relações, anteriormente citadas, ele abarca, além do social, as múltiplas temporalidades de Braudel (1990; 2009) e também, o cultural e o mental. Todos esses elementos somados estão imersos na tríade que o autor francês emprega para explicar as três escalas presentes no espaço social, e que são o cerne de sua teoria. Para Lefebvre<sup>103</sup>, coexistem e colidem, dialeticamente, sobre o espaço social, o “espaço percebido” (práticas espaciais), o “espaço concebido” (representações do espaço) e o “espaço vivido” (espaços de representação).

A primeira dimensão, resulta das relações entre a sociedade e economia ao longo do tempo<sup>104</sup>, que modelam o espaço, deixando marcas físicas e materiais visíveis, correspondentes às especificidades das relações de produção. No caso particular na Modernidade, por exemplo, cuja principal marca é a cidade, devemos perceber a sua “prática espacial” através das características da urbanização. Harvey<sup>105</sup>, aprofundando as reflexões, cita que os elementos presentes, são: os locais e meios de mobilidade, as construções, as atividades econômicas, os grupos sociais, as formas de organização e divisão do espaço e as infraestruturas em geral.

O “espaço concebido”, pressupõe as representações espaciais, ou seja, o lado mental. Isso quer dizer que é o espaço do ponto de vista da teoria, do signo e do código, ordenado e fragmentado pelos planejadores, engenheiros e arquitetos, para que desempenhe puramente a função econômica. Harvey<sup>106</sup> elenca que dele fazem parte: os mapeamentos, as teorias de localização (que definem um “bom” lugar e o lugar central), as hierarquias espaciais, os discursos espaciais, os espaços proibidos, os imperativos territoriais (comunidade, cultura regional, nacionalismo, etc.), os sistemas de mapeamento, representação e comunicação; e

---

<sup>102</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>103</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>104</sup> Em relação ao estágio atual da Modernidade, denominado, conforme os autores, de “Pós-Moderno”, “Pós-Industrial”, “Modernidade Líquida” ou “Hiper-Modernidade”, deve-se perceber a predominância dos espaços urbanos espetacularizados e de estabelecimentos de serviços e consumo.

<sup>105</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>106</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

os discursos artísticos e arquitetônicos. Na sociedade capitalista, é essa dimensão que predomina.

O “espaço vivido”, que inclui os espaços de representação, revela, muitas vezes, como pontua o autor, “o lado clandestino e subterrâneo da vida social”. Essa escala inclui a forma como sociedade inventa, imagina, sonha, sente, deseja ou confere significados a seu espaço, podendo incluir, ainda, as construções materiais de espaços simbólicos.

Harvey<sup>107</sup>, mais uma vez, ajuda a entender, a partir de exemplos concretos, como sentimentos de atração/repulsa, distância/desejo, acesso/negação, familiaridade, aconchego familiar; lugares abertos, locais de espetáculo popular (ruas, praças, mercados), arte popular, publicidade, propriedade e posse, monumentos e espaços ritualísticos, construção da tradição, espaços de repressão, planos utópicos, paisagens imaginárias, espaços de ficção científica, mitologias do espaço, poética do espaço, espaços do desejo, etc. Para Lefebvre<sup>108</sup>, deveria ser esse o predominante, mas, ao invés disso, aquele que se sobrepõe é o anterior.

O tempo social, portanto, pode ser analisado sob a ótica escalar, a partir da curta, média e longa duração e também imerso no espaço, na forma de “tempo do mundo” e “tempo dos lugares” ou “tempo vivido”. O espaço, igualmente, revela-se nas dimensões “mundial”, “nacional”, “regional” e “local”, sendo que a última, no mais das vezes, acumula todas as anteriores. Ademais, todo espaço apresenta também o jogo dialético entre as escalas do “percebido”, da “representação planificada” e da “representação social”.

Buscando ampliar o debate sobre a cidade e a complexidade que envolve sua compreensão, o estudo se vale das pesquisas de Canclini<sup>109</sup>. Através das contribuições do autor, se pretende realizar uma discussão sobre a dimensão cultural, que permite melhor compreender o fenômeno que constitui a produção do espaço.

---

<sup>107</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>108</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>109</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

Canclini<sup>110</sup> concorda com a presença do *tempo e espaço* em diferentes escalas. Seguindo essa linha, a reflexão do antropólogo argentino se assenta no caso das “culturas híbridas” – amplamente estudadas no contexto da América Latina, onde a modernização capitalista não atingiu a sua plenitude – e sobre quais as implicações sociais desse processo. Dessa forma, coexistem e se misturam sobre o espaço, bolsões de modernidade mais ou menos concretizada e modernidade rudimentar, resultando em hibridismo cultural. Nesses locais existiria, então, uma dialética entre as diferentes escalas de cultura, do passado, do presente, locais, regionais, nacionais, estrangeiras e mundiais.

Para tal, primeiramente, devemos considerar que todo espaço local é uma pequena parcela, não-isolada do espaço mundial, porque se insere na rede de troca de mercadorias e informações, como defende Lefebvre<sup>111</sup>. Em segundo lugar, se pensarmos toda informação enquanto conhecimento e cultura, então, além de um “espaço mundial” e de um “tempo mundial”, teremos também uma “cultura mundializada”, como defende Renato Ortiz<sup>112</sup>, na qual, o local, com suas particularidades, está imerso. Nesse sentido, sem deixar de lado as escalas temporal e espacial, é possível aprofundar ainda mais a questão sobre a relação entre cidade e cultura, a partir do foco de Canclini<sup>113</sup>, que é o elemento cultural, que também permeia a definição conceitual, por exemplo, de turismo da Organização Mundial de Turismo (OMT).

A “cultura mundializada”, explica Ortiz<sup>114</sup>, é resultante da formação de um “imaginário coletivo mundializado”, advindo da veiculação e manipulação de símbolos ou signos de filmes e personagens históricos, por exemplo, que são empregados fora de contexto para uma finalidade propagandística. São, dessa forma, como demonstra o autor, “desterritorializados” para o consumo de massas em escala mundial. Mas, ainda assim, embora esse processo seja único, ele realiza-se de modo desigual e conflitivo de local para local.

---

<sup>110</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

<sup>111</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

<sup>112</sup> ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

<sup>113</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

<sup>114</sup> ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

Essa faceta do processo de estabelecimento de uma “cultura mundializada” sobre o espaço, é revelada por Canclini<sup>115</sup>. O antropólogo explica que a tentativa de algo desse tipo não acarreta na extinção das escalas “tradicional”, “local” ou “popular” da cultura, mas na sua transformação e difusão, através da urbanização e dos meios de comunicação. Assim, os turistas e os moradores urbanos, repletos de referências da “cultura mundializada” e fartos da padronização da indústria, acabam por consumir algo diferenciado – um produto cultural, ao mesmo tempo familiar e exótico, que pode ser um híbrido de uma cultura “tradicional” com outra equivalente, de uma “tradicional” com uma “moderna”, de uma “local” com uma “estrangeira”, ou, ainda, de algo “culto” com algo “popular”, etc.

Dessa forma, as diferentes escalas da cultura estão imersas no espaço do tempo presente, tanto social quanto materialmente. Socialmente, primeiro, porque, a sociedade autóctone, é possuidora de uma mentalidade cultural, que se formou no local, região ou país na longa duração. Em segundo lugar, o turista ou consumidor, também traz consigo uma cultura coletiva e individual. A cultura coletiva é aquela originária de padrões sociais do seu próprio lugar de origem, também formados na longa duração, enquanto que, a individual, foi construída ao longo da vida, na curta e média duração. A cultura individual ou “identidade cultural”<sup>116</sup> pode ser resultante de um imaginário coletivo “mundializado”, que engloba o conjunto de referências veiculadas midiaticamente e absorvidas na curta ou média duração, que pode ser tanto da cultura do local visitado em si, quanto de outras, de lugares e tempos diversos, podendo incluir, ainda, aquelas criadas pela cultura de massas. Esses elementos se fazem presentes no processo de produção do espaço urbano.

A materialidade da cultura, por outro lado, revela-se através das três escalas espaciais de Lefebvre<sup>117</sup>, que estão dialeticamente presentes no espaço social. Revela-se desse modo, nas características urbanas, através da arquitetura espontânea ou planejada, dos serviços turísticos, como hotéis, restaurantes, parques temáticos, museus e eventos e também dos aspectos complementares da urbanização, como as paisagens intencionalmente produzidas. Igualmente, pode

---

<sup>115</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

<sup>116</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>117</sup> LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

estar ainda presente no modo espontâneo da população fazer, vestir, falar, gesticular, escrever, se divertir, etc.

Outra escala na qual se apresenta a cultura é a de abrangência e circulação. Antes restritas a locais, regiões ou países, as culturas, a partir do século XX, se mundializam. Como apontamos, anteriormente, uma cultura, atualmente, pode espalhar-se pelo mundo todo com o auxílio dos meios de comunicação - fato que não contribui para o desaparecimento do tradicional ou do popular, mas para a sua transformação e difusão na forma de produtos híbridos. Por outro lado, essas mesmas mídias não somente alteraram, fundiram e difundiram diferentes culturas do tempo e espaço, mas também criaram a sua própria: a cultura de massas.

Dito isso, em outras palavras, se retorna, novamente, à interpretação social que Canclini<sup>118</sup> tem das culturas contemporâneas, concebendo-as como produtos híbridos, resultantes da dialética entre culturas de diferentes escalas temporais e espaciais, incluindo a de massas. A cidade, objeto central da discussão deste estudo, se apresenta como lócus da cultura, que é atravessada pela dinâmica cultural do mundo global, mas que se revela, em diferentes aspectos, na cidade, que é a menor dimensão dessa escala.

### **Considerações finais**

O espaço urbano, pensado a partir das teorias e diferentes perspectivas que discutem a produção do espaço, permite aprofundar a complexidade que envolve a compreensão sobre o fenômeno de produção da cidade, numa perspectiva espacial e temporal. O propósito deste estudo foi analisar a produção do espaço urbano enquanto uma categoria polissêmica e que impõe a necessidade de se pensar a cidade enquanto lugar das experiências, do vivido, das representações, das práticas sociais e da cultura.

A História e a Geografia permitem pensar a cidade no tempo e no espaço. Através do diálogo que se estabeleceu com os diversos autores, em especial da área da História e da Geografia, se tornou possível, num primeiro momento, analisar criticamente os diferentes conceitos propostos sobre o espaço urbano. A

---

<sup>118</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

partir de então se pode pensar a cidade, de forma mais aprofundada, aproximando a discussão com as questões que envolvem o ordenamento territorial e o papel da cultura no contexto da produção do espaço urbano.

A cidade, compreendida como espaço complexo, definida espaço e temporalmente, é o lugar do vivido, onde se produzem relações, se materializam projetos e valores de sociedade e também habitam diferentes grupos sociais, cuja dinâmica de relações (re)produz diferentes lugares da cidade, marcados, na maioria das vezes pela desigualdade “centro-periferia”. A partir dessa complexa rede que constitui o tecido urbano se revelam diversas características, que por sua vez, produzem a cidade.

Tendo essas discussões como referência, percebe-se uma clara ascensão das mobilidades humanas, que marcam as cidades do século XXI. A diversidade e a desigualdade que também caracterizam esse fenômeno podem ser percebidas na medida em que se observa o aumento dos lugares considerados marginais – marcados pelo aprofundamento da pobreza e dos problemas sociais – ao mesmo tempo em que, em outros espaços, se observa o crescimento dos chamados “espaços urbanos espetaculares” – voltados exclusivamente para uma elite econômica.

A cidade é dinâmica e cuja compreensão requer cada vez mais uma leitura interdisciplinar. A leitura da cidade, a partir da História e da Geografia, permite, ao mesmo tempo, dialogar com a Antropologia, as Ciências Sociais e a própria Arquitetura, repensando e questionando o lugar que cada área do conhecimento ocupa no desafio de compreender a *urbe*, em suas diversas dimensões.

## Referências

- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. *Revista de História Regional*, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo - séculos XV - XVIII: o tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.207-236 • ISSN1981-478X

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la Modernidad*. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades, *1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades*. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292.

HAESBAERT, Rogério. Questões sobre a (Pós) Modernidade. *Geo UERJ*, n. 2, p. 7-22, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21758/15765>. Acesso em: 07 out. 2023.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 134-152.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

ORTIZ, Renato. *Globalização: notas sobre um debate*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr., 2009.

SILVA, Reynaldo Daivyd Lopes da; CORRÊA, Domingos Sávio. As contribuições da teoria das fronteiras no pensamento geográfico: repensando a construção dos conceitos e práticas. *Ciência Geográfica*. Bauru. Ano XXVII, vol. XXVII - (1), p.176-189, jan-dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.57243/26755122.XXVII1010>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Território. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 409-411.

STROHAECKER, Tania Marques. Urbanização. In: GRIEBELER, Marcos Paulo Dhein; RIEDL, Mario (Orgs.). *Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 426-427.

Recebido em 12 de setembro de 2024

Aprovado em 10 de outubro de 2024